



“Cerâmica: Magia, técnica, arte e política” – Conexão entre arte e agroecologia
“Ceramic: Magic, technique, art and politics”- Connection between art and agroecology

WIRTH, Tainá¹; DRUMOND, Nathalia²; GANZALA, Sabrina³; BAYON, Victória⁴; CHIVA, Marina⁵; FREITAS, Ana Elisa de Castro⁶ (Orientadora)

¹ UFPR Litoral, tainagw@riseup.net; ² UFPR - Litoral, nathijardini@gmail.com; ³ UFPR Litoral, Sabrina_ganzala@hotmail.com; ⁴ UFPR Litoral, bayonvictoria@gmail.com, ⁵ UFPR Litoral, marinchiv@riseup.net, ⁶ UFPR Litoral anaelisa.freitas.ufpr@gmail.com

Tema Gerador: Cultura Popular, Arte e Agroecologia

Resumo: O presente relato visa mostrar a experiência de união do campo de conhecimento das Artes e Agroecologia, que se deu a partir da proposição da oficina “Cerâmica: Magia, Técnica, Arte e Política”, originada como uma atividade experimental da Interação Cultural e Humanística (ICH) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Setor Litoral, durante o ano de 2018. A metodologia se deu com um laboratório de práticas e partilhas interculturais de saberes tradicionais da cerâmica do litoral paranaense. As ações envolveram pessoas de diversas culturas e histórias, da comunidade acadêmica e não-acadêmica do litoral do Paraná, em uma troca interdisciplinar relacionando as ciências da terra e o fazer artístico. Com fortalecimento do coletivo, desenvolveram-se práticas de extensão na educação, na produção de material didático e no estudo do solo e território. Em 2019, o projeto estruturou-se como projeto de extensão da UFPR Litoral, tendo como principais braços de trabalho: ação educativa interdisciplinar, territorialidade, coleta e preparo do barro, estudo de queimas tradicionais, aprofundamento da técnica e a cerâmica indígena.

Palavras chave: cerâmica; agroecologia; arte; interculturalidade; cultura popular.

Keywords: ceramics; agroecology; art; interculturality; popular culture.

Contexto

A oficina "Cerâmica: magia, técnica, arte e política" foi criada a partir da iniciativa de estudantes e docentes dos cursos de Tecnologia em Agroecologia e Licenciatura em Artes do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sendo inicialmente ofertada dentro do espaço curricular de Interações Culturais e Humanísticas (ICH) do Projeto Político Pedagógico (PPP) deste Setor. O espaço curricular da ICH incentiva a proposição de cursos semestrais, com carga horária de 4 horas semanais, mediados por docentes e discentes, promovendo interações dialógicas entre estudantes de diferentes cursos, comunidades e servidores, focalizando temas sensíveis às sociedades contemporâneas. Encerrado o semestre, as oficinas de cerâmica tiveram continuidade de maneira autônoma, protagonizadas por um coletivo de estudantes interessados em expandir as práticas vivenciadas na ICH, através de oficinas estendidas a escolas municipais e aos públicos participantes de eventos realizados no litoral do Paraná, local rico em diversidade biológica e cultural.



Tendo em vista que a arte cerâmica está presente no repertório das culturas indígenas e populares do litoral do Paraná, foi estabelecida uma teia de diálogos que permitiu compreender e aprofundar a união e a indissociabilidade entre agroecologia e arte, um estudo gerador de debates e reflexões sobre educação, tecnologia social e desenvolvimento social sustentável.

Descrição da experiência

A arte cerâmica possibilita um contato suave e ao mesmo tempo profundo com matérias telúricas que ativam o imaginário, permitindo ampliar a conexão simbólica com a essência da natureza, os elementos terra, água, fogo, ar e espírito. No campo da Agroecologia, pode ser uma via desencadeadora de caminhos para a sensibilização e reflexão. A cerâmica, enquanto matéria absorvente e filtradora, em sua prática nos leva a auto percepção de matéria terra e ativa a intuição e imaginação, reaproximando corpo, terra e meio ambiente. Ao nos reconhecermos como parte integrante da natureza, o trato das questões ecológicas torna-se intuitivo e inerente, bem como defendê-la e cultivá-la torna-se um ato de autocriação e autocuidado. A perspectiva indígena revela essa conexão corpo-terra, como pode-se perceber na anunciação de Ailton Krenak, jornalista, artista, ambientalista e ativista indígena que observa que "deveríamos pisar com suavidade na terra, ter mais cuidado aqui na terra, e sermos também terra" (Ailton Krenak, filme Índio Cidadão).

A proposta de realização da oficina "Cerâmica: magia, técnica, arte e política" no espaço curricular da ICH resultou da união entre as estudantes ceramistas e artistas Tainá Wirth e Nathalia Drumond, do curso de Tecnologia em Agroecologia, com a professora, ecóloga, arte educadora, antropóloga e pesquisadora da cultura indígena Ana Elisa de Castro Freitas, responsável pelo Laboratório de Interculturalidade e Diversidade (LAID) da UFPR Litoral.

A primeira ação foi a criação de uma cartilha com os passos básicos, em ilustração e colagem, para trabalhar com cerâmica, com o intuito de através desse material didático empoderar as pessoas em seu aprendizado, buscando a autonomia no processo. Essa cartilha foi entregue para as/os participantes durante os primeiros encontros da oficina.

A ICH começou com mais de 30 pessoas inscritas e dispostas a colocar a mão na terra. Dentre as/os participantes havia em maioria estudantes dos cursos de Licenciatura em Artes e Tecnologia em Agroecologia, três participantes indígenas: Jaciele Nyg Kuitá Fidelis, kaingang da Terra Indígena Apucarantina-PR, estudante indígena do curso de Serviço Social e bolsista do Grupo PET Litoral Indígena; a educadora xokleng Fabieli Wolinger de Almeida Fernandes, que na ocasião atuava como professora de História na Escola Estadual Indígena Emília Jerá Poty, na Terra Indígena Tupã Nhe' e Kreta, município de Morretes-PR, e a professora indígena Sueli Fernandes, kaingang, bióloga

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



e também educadora na E.E I. Emília Jerá Poty. Essas duas últimas participaram na condição de convidadas externas. Houve espaço para a partilha de seus saberes assim como a prática com o barro trazido por elas do território indígena, que corresponde a classificação etnopedológica kaingang *ore kupri*/barro branco. Também participou da oficina o estudante de Licenciatura em Artes Leonardo Damião, pesquisador que conheceu e registrou em audiovisual a cerâmica tradicional caiçara fabricada pela Dona Senhorinha Romão da Costa, da Ilha de Medeiros (BARROSO, 1997).

O local escolhido para os encontros da oficina foi um espaço inutilizado, ao lado da piscina da UFPR Litoral. Lá havia bancadas de pedra ideais para o trabalho com o barro, torneiras próximas e área verde agradável para o convívio. A cada encontro as/os estudantes limpavam e arrumavam o espaço, levavam o material de trabalho assim como alimentos e chimarrão para partilhar, tornando-o um *ateliê vivo*.

No primeiro momento foi utilizado um barro comprado em olaria. Mas logo nos primeiros encontros foi realizada saída de campo para pesquisa e coleta de barro, em área próxima à universidade, na baixada de morro vegetado com mata atlântica, na cidade de Matinhos. A pesquisa visava à autonomia no processo de produção da cerâmica durante a oficina, buscando verificar, na prática, a qualidade e potencial cerâmico do barro local. O barro coletado foi preparado com chamote (técnica que consiste em adicionar cerâmica queimada em pó na massa a ser trabalhada, visando dar mais resistências às peças). Em algumas oficinas houve a oportunidade de trabalhar com o *ore kupri*/barro branco trazido pelas educadoras indígenas que participaram da atividade e tanto ensinaram com sua presença.

A conexão com esses barros levou a aprendizados muito mais profundos que o esperado. Eram manhãs de diálogo interior, partilha de sonhos e troca de saberes sobre a tradição e a cultura viva de povos tradicionais que sempre estiveram tão próximos da natureza e seu grande poder.

Quando a produção de peças na oficina atingiu um volume expressivo, foram feitas queimas experimentais em um forno a gás, construído com latão e manta refratária, no entanto, esse forno não foi mais utilizado pela descoberta da toxicidade da manta que o forrava. A partir disso, surgiu a necessidade de pesquisar queimas alternativas, primitivas e tradicionais, assim como os seus efeitos nas peças.

Dando sequência às atividades, houve a visita à exposição “Sombras Inversas” em Paranaguá, do artista Faustino Zardo, muito inspiradora e didática em relação a processos cerâmicos e em especial à técnica de queima japonesa Raku (técnica japonesa na qual as peças são retiradas quentes do forno, em estado incandescente, e imediatamente colocadas na serragem, onde sofrem um processo de redução, e, seus óxidos emergem à superfície. Onde há esmalte, a peça fica metálica, onde não há esmalte, fica negra), a qual foi realizada ao final da oficina. A casa de cultura



Monsenhor Celso, local que sediava a exposição, doou 240 kg de barro preto, incentivando a continuação das atividades da oficina.

A oficina ofertada na ICH totalizou 60h de atividades formativas curriculares, e encerrou ao final do primeiro semestre de 2018 com o Festival de Interação Cultural e Humanística (FICH). Neste Festival, foi realizada a técnica-ritual de queima Raku. Esta queima extraordinária exige extrema atenção, envolvendo os participantes como em uma cerimônia, tendo em vista que os passos da técnica lembram as etapas de um ritual. No Raku, as/os participantes puderam ver a magia da transformação da matéria através do fogo. Também houve a exposição das peças produzidas e de todos os materiais da prática (argila, torno, ferramentas), além da exibição em áudio visual mostrando como funcionaram as atividades durante a oficina.

Com o início do segundo semestre do ano de 2018, optou-se por não repetir a proposição da oficina de cerâmica no espaço curricular da ICH. No entanto, as/os ceramistas estabeleceram uma parceria com o projeto de extensão “Traços culturais da comunidade da Ilha de Valadares”, ofertando uma série de oficinas que foram ministradas com a participação de estudantes que foram cativados pela prática cerâmica durante o primeiro semestre. Ocorreram oficinas na escola municipal Sully da Rosa Vilarinho e Luiz Andreoli, em Paranaguá-PR. A metodologia investiu na contação de histórias mesclada com atividades lúdicas, permitindo trabalhar com as crianças elementos da cultura popular e da agroecologia. Também foi ofertada, por esse coletivo de estudantes em parceria com o ceramista Miguel Camaleão, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a oficina “Cerâmica primitiva”, durante o III Encontro Regional de Agroecologia (ERGA). Todo o processo foi local, desde a coleta do barro à queima na fogueira, trabalhando ao lado do rio e fechando um bonito ciclo, com muita simplicidade. A atividade provocou inúmeras reflexões sobre o corpo, o território, o trabalho coletivo e a energia feminina e emocionou as/os participantes, ao verem suas peças materializadas e prontas para o uso.

Na I Semana Acadêmica de Agroecologia da UFPR Litoral, uma proposta parecida de oficina aconteceu, envolvendo espontaneamente mulheres ligadas a agroecologia, formando uma roda de conversa sobre empoderamento, ancestralidade e autonomia, com partilha de alimentos e chimarrão. As peças produzidas nessa oficina não puderam ser queimadas no local por não haver a possibilidade de fazer uma fogueira.

Em janeiro de 2019, concretizou-se a pesquisa em queimas alternativas, realizando na UFPR Litoral a construção de um forno de papel feito com materiais locais, que ao final se autoconsumiu, restando apenas cinzas e peças queimadas. Nesse evento foram queimadas as peças produzidas durante a oficina de cerâmica da semana acadêmica de agroecologia.



Com a proposta intercultural e interdisciplinar, na qual amplia-se o conhecimento e arte através das redes intersociais e ecológicas, buscamos inspiração na imagem da trama aportada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, em *Mil Platôs* (2000), em diálogo com o florescer que nasce de construções coletivas e diversas. Para esses autores, “há um agenciamento coletivo de enunciação, um agenciamento maquínico de desejo, um no outro, e ligados num prodigioso fora, que faz multiplicidade de toda maneira” (DELEUZE e GUATTARI, 2000, p.37).

Resultados

A oficina teve como principal resultado as reflexões e sensibilizações geradas através da experiência intercultural e do contato com o barro, entendendo a matéria telúrica como potencializadora de trajetos inconscientes com nossa ancestralidade, a partir da qual nos recriamos. A potência desse contato foi notável, pois gerou inúmeras ações derivadas da oficina. Muitas/os participantes aderiram à prática cerâmica ao seu cotidiano, e inclusive envolveram seus familiares. Também houve participantes que levaram a prática para as escolas onde trabalham, como no caso da estudante de Licenciatura em Artes, Marina Chiva, que integrou a cerâmica em suas atividades docentes de estágio curricular, convidando estudantes do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) a expressar sentimentos a partir da modelagem de máscaras em cerâmica, obtendo resultados muito positivos.

Em abril de 2019, a oficina “Cerâmica: magia, técnica, arte e política” foi reativada no formato de projeto de extensão, com a professora Ana Elisa de Castro Freitas como coordenadora. Homenagem ao filósofo judeu-alemão Walter Benjamin, o título aponta as potenciais interfaces políticas e estáticas que a prática cerâmica incita, em que a técnica transcende as rotas de repetição ao abrir-se para rotas de criação e arte. No momento, o projeto conta com duas bolsistas e uma equipe de 12 voluntárias/os, e duas professoras orientadoras colaboradoras. O projeto atua na extensão através de: 1) produção de material didático de fazeres cerâmicos, 2) artigos e pesquisa acadêmica, 3) ação educativa em espaços escolares e não escolares 4) comunicação com comunidades tradicionais, valorização dos saberes da cultura popular, 5) pesquisa em queima tradicional, alternativa e primitiva, 6) pesquisa e identificação do solo do território do litoral paranaense para o uso cerâmico, assim como 7) os processos de tratamento do barro, e, 8) registro e divulgação dos processos de aprendizagem.

Referências

BARROSO, Aurilene. **A cerâmica caiçara de Dona Senhorinha da Ilha de Medeiros I**. Projeto Resgate da Cerâmica Cabocla do Litoral. Associação dos Artesãos do Litoral Paranaense. Audiovisual. 49min.39seg. Paranaguá, 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pGQV3s_6b-A:

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, São Paulo: Ed. 34, 2000.